

UMA PERSPECTIVA ANALÍTICA ACERCA DA SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR

AN ANALYTICAL PERSPECTIVE ABOUT THE WORKERS' MENTAL HEALTH

RESENDE, Anelise de Oliveira e¹
SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de²
CAMPOS, Renata Bernardes Faria³
SILVA, Leonardo Oliveira Leão e⁴

RESUMO: Frente às mudanças como globalização, novas tecnologias e alterações no processo produtivo, que afetam diretamente a relação do trabalhador com o mundo laboral e geram situações como a crise e desemprego em alguns segmentos, as organizações têm se preocupado mais com a saúde mental do seu empregado. Associado a isto, nota-se a subjetividade do trabalho, de importância central na vida das pessoas. Este artigo propõe identificar pesquisas realizadas sobre essa temática por meio de uma pesquisa do tipo Estado da Arte, visando analisar a produção acadêmica nos últimos dez anos referente à Subjetividade do Trabalho e Saúde Mental do Trabalhador. A pesquisa foi realizada tendo como filtros artigos revisados por pares, dos últimos 10 anos, utilizando a base de dados do Portal de Periódicos CAPES. Os resultados apontam que existe uma lacuna de tempo na produção acadêmica entre 2006 e 2011, permitindo supor este aumento em 2011 dever-se à instituição, no âmbito do SUS, das Diretrizes da Política Nacional de Promoção da Saúde do Trabalhador. Da perspectiva teórica, pode-se observar a centralidade do trabalho, a precarização do mesmo como elemento de piora da qualidade de vida, implicando em sofrimento mental, tratando-se o tema de questão contemporânea. A pesquisa não apresenta, entretanto, de modo integrado, os conceitos de significado do trabalho e saúde mental do trabalhador. Conclui-se que se torna interessante buscar desenvolver pesquisa, de modo interdisciplinar, contribuindo para o desenvolvimento de políticas mais integradas e que considerem a saúde de uma perspectiva biopsicossocial.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Mental; Trabalho; Significado;

ABSTRACT: Face up to changes such as the globalization, new technologies and changes in the productive process, that directly affect the worker's relationship with the world of labor and generate situations such as crisis and unemployment in some segments, organizations have been concerned with the mental health of their employee. Associated with this, it is noticed the subjectivity of work, which have central importance in people's lives. This article proposes to identify researches about this subject through a research of the State of the Art type, aiming to analyze the academic production in the last ten years regarding the Subjectivity of Work and Mental Health of the Worker. The survey was realized using peer-reviewed articles from the last 10 years, using the database of CAPES Journals Portal. The results points that there is a time gap in academic production between 2006 and 2011, allowing to assume this increase in 2011 due to the institution, under the SUS, of the National Policy Guidelines for the Promotion of Workers' Health. From the theoretical perspective, one can observe the centrality of work, the precarization of the same as an element of worsening of the quality of life, implying in mental suffering, treating the subject of contemporary question. However, the survey does not present in an integrated way the concepts of work meaning and mental health of the worker. It is concluded that it is interesting to seek to develop research in an interdisciplinary way, contributing to the development of policies that are more integrated and that consider health from a biopsychosocial perspective.

KEY WORDS: Mental Health; Work; Meaning

¹ Autora. Docente, supervisora de estágio e coordenadora do curso de Psicologia na Faculdade Única de Ipatinga. Mestranda do curso de Gestão Integrada do Território da Universidade do Vale do Rio Doce. Endereço: Rua Bias Fortes, 66 – Bom Retiro – Ipatinga/MG – CEP: 35160-216. aneliseresende@yahoo.com.br

² Co-autor. Docente do Programa de Pós-Graduação em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. celeste.br@gmail.com

³ Co-autor. Docente do Programa de Pós-Graduação em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce. Doutora em Entomologia pela Universidade Federal de Viçosa. rbfcampos@gmail.com

⁴ Co-autor. Docente do Programa de Pós-Graduação em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce. Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. leonardo.silva@univale.br

1 INTRODUÇÃO

A temática de saúde mental sempre foi de grande importância desde a reforma psiquiátrica no Brasil, mas podemos considerar que após a edição do decreto 3048, em 06/05/1999 pelo Ministério da Previdência e Assistência Social, com a nova regulamentação sobre doenças profissionais, ela se configura ainda mais relevante para os profissionais de saúde (BRASIL, 1999). Outra regulamentação importante sobre a saúde mental foi a portaria n 1339/GM, de 18/11/1999, que apresenta a lista de doenças relacionadas ao trabalho (BRASIL, 1999), onde encontramos um capítulo específico sobre transtornos mentais e do comportamento relacionados ao trabalho.

De acordo com Camargo e Neves (2004), a importância da saúde mental é reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e sabe-se hoje que a maior parte das doenças é influenciada por uma combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais. Os transtornos mentais afetam pessoas de todas as idades e podem causar sofrimento às famílias e comunidades, bem como impactos que se refletem nas organizações de trabalho. Outro ponto significativo concernente à saúde mental é que a separação artificial dos fatores psicológicos e sociais dificulta a compreensão integrada do processo saúde doença, a saúde mental é mais que a ausência de transtornos mentais, e a falta deste entendimento inviabiliza ações coerentes.

Camargo e Neves (2004) destacam ainda que as doenças mentais e de comportamento, de acordo com a classificação de Schilling⁵, dividem-se em 3 grupos quanto a sua ocorrência e nexos com o trabalho, a saber: a) doenças profissionais, onde o trabalho é causa necessária e com nexos evidentes entre doença e trabalho, b) patologias onde o trabalho pode ser um fator de risco; c) enfermidades onde o trabalho é desencadeador de distúrbio latente.

Tamayo et al (2012) apontam que as mudanças no mundo do trabalho, tais como globalização, reestruturação, tecnologia, novas formas de comunicação, flexibilidade, estão tendo um considerável impacto negativo sobre o bem estar e a saúde física e psíquica. A saúde mental pode ser compreendida a partir de experiências positivas, como bem estar e felicidade, ou a partir de fenômenos negativos, como burnout⁶, depressão e estresse. Estes fenômenos negativos impactam no trabalhador, que sofre com doenças diversas, na organização, que perde em produtividade e na sociedade em geral, que é afetada por este grande número de pessoas adoecidas pelo trabalho.

É de um duplo movimento, de transformação da organização do trabalho e de dissolução dos sistemas defensivos, que pode nascer uma evolução da saúde mental-trabalho...considerando o lugar dedicado ao trabalho na existência, a questão é saber que tipo de homens a sociedade fabrica através da organização do trabalho... e encontrar soluções que permitiriam pôr fim a desestruturação de um certo número deles pelo trabalho. (DEJOURS, 1992, p. 139)

⁵ A Classificação de Schilling é uma classificação simplificada e objetiva sobre as doenças do trabalho, indicando a casuística entre elas.

⁶ A síndrome de burnout ou esgotamento profissional trata-se de um processo de desgaste crônico, com aparecimento de sintomas físicos e psíquicos, e perda do sentido do trabalho para o trabalhador. Possui caráter multidimensional, com a exaustão emocional, distanciamento afetivo e baixa realização profissional.

As preocupações deste trabalho se voltam para as relações entre saúde mental e trabalho, buscando identificar a produção acadêmica na área, por meio de uma pesquisa do tipo Estado da Arte, tendo como filtro os últimos dez anos referente à Subjetividade do Trabalho e Saúde Mental do Trabalhador.

2 DESENVOLVIMENTO

Aporte teórico

As recentes mudanças ocorridas no mundo do trabalho geraram transformações na situações do trabalho, repercutindo na saúde dos trabalhadores. Glina e Rocha (2010) apontam que os processos de enxugamento, a reestruturação nos processos de produção, a tendência a terceirização e mudanças no modo de organizar o próprio trabalho, avanços tecnológicos e globalização, intensificaram o trabalho e aumentaram as demandas que o mesmo apresenta aos trabalhadores, com o aumento das exigências. De acordo com Jardim, Ramos e Glina (2010), o trabalho possui lugar importante na vida das pessoas e exerce impacto em seu aparelho mental. De acordo com as autoras, Cerca de 30% (trinta por cento) da população, de acordo com dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), entre a população trabalhadora, apresenta transtornos mentais de moderados a graves. Os transtornos mentais e do comportamento que estão ligados ao trabalho em si podem ser determinados pelos lugares, tempos e ações do trabalho, que possuem potencial não apenas para atingir aspectos físicos mas também para impactar nos aspectos mentais. O trabalho denota grande exigência de concentração, de habilidades mentais, expõe o trabalhador ao risco de intoxicações ocupacionais, acidentes de trabalho, podendo-se apontar uma relação causal entre agravos a saúde mental e o trabalho.

Em decorrência do lugar de destaque que o trabalho ocupa na vida das pessoas, sendo fonte de garantia de subsistência e de posição social, a sua falta gera sofrimento psíquico, pois ameaça a manutenção material da vida do trabalhador e da sua família. Além disto a falta de trabalho/emprego abala o valor subjetivo que o indivíduo atribui a si mesmo, produzindo sentimentos de menos valia, angustia, insegurança, desânimo e desespero, que caracterizam os quadros ansiosos e depressivos. O trabalho também ocupa um lugar fundamental na dinâmica do investimento afetivo das pessoas. Por isto, o trabalho satisfatório determina prazer, alegria e saúde. O trabalho desprovido de significação, não reconhecido ou fonte de ameaças a integridade física e/ou psíquica determina sofrimento. Em uma carreira profissional, fracasso, acidente de trabalho, mudança de posição (ascensão ou queda) a hierarquia podem determinar quadros psicopatológicos diversos, indo desde os chamados transtornos de ajustamento ou reações ao estresse até depressões graves e incapacitantes. (JARDIM, RAMOS E GLINA, 2010, p. 50)

Estudos sobre trabalho e saúde consensualmente têm identificado relações entre a organização do trabalho e o processo saúde-doença dos trabalhadores. De acordo com Fernandes e Vasques-Menezes (2012), os caminhos percorridos na consolidação das questões referentes à saúde do trabalhador mostram que ela tem sido discutida desde a antiguidade, embora inicialmente apenas de forma voltada para aspectos de atendimento a legislação. As pesquisas desenvolvidas na área de estresse, epidemiologia em saúde mental, trabalho e psicodinâmica do trabalho trazem a preocupação com diagnósticos, intervenções e prevenção na saúde do trabalhador.

Há de se considerar, portanto, ao analisar o trabalho na atualidade, os elementos subjetivos envolvidos nesta relação, os quais ultrapassam a perspectiva dos elementos básicos dos processos de trabalho e envolvem as

relações simbólicas deste processo. Ao pensar a saúde do trabalhador, deve-se pensar um referencial multideterminado, em que fatores relativos as relações objetivas e subjetivas do sujeito e do trabalho são incorporados na relação trabalho –trabalhador e estão entre os possíveis deflagradores do processo de adoecimento. (Fernandes e Vasques-Menezes, 2012, p. 271)

Segundo Dejours (1992) a organização do trabalho exerce, sobre o homem, uma ação específica, cujo impacto é o aparelho psíquico. O autor indica que, entretanto, o trabalho não cria doenças mentais específicas, apenas favorece a descompensação psiconeurótica, que em última instância, decorre da própria estrutura da personalidade. Na perspectiva do autor personalidades caracterizadas por fracos mecanismos de defesa apresentariam tendência ao adoecimento. Ainda de acordo com Dejours e Bègue (2010), a vulnerabilidade psicológica não pode ser considerada causa determinante de adoecimento mental, uma vez que todos a possuímos em maior ou menor grau, mas para muitos sujeitos, o trabalho é um poderoso operador na construção e estabilização da identidade e da saúde mental. Se o trabalho pode gerar o melhor e permitir sobrepor as falhas no terreno psicológico, pode também, ao inverso, desempenhar papel preponderante nas descompensações. De fato, algumas formas de trabalho possuem capacidade de fragilizar as pessoas e favorecer o processo de doença.

Todos os estudos epidemiológicos mostram: a provação de trabalho, a demissão, o desemprego de longa duração aumentam consideravelmente o risco de descompensação psicopatológica, expressa por alcoolismo, toxicomania, depressão, violência, suicídio, etc. (Dejours e Bègue, 2010. p. 31)

A saúde mental do trabalhador possui relação direta com aspectos relativos ao trabalho, tais como seu modo de organização e sua divisão, seus sentidos e significados. Mostra-se tarefa importante procurar identificar como se dá essa relação, quais são os pontos de impacto na saúde do trabalhador, oportunizando o planejamento de ações voltadas a prevenção da doença e do sofrimento psíquico. O levantamento bibliográfico realizado levou a uma análise a partir de algumas categorias, a saber: qual a percepção que se apresenta nos artigos analisados com relação a saúde mental e trabalho; significado do trabalho para as pessoas e como a organização do trabalho pode influenciar em seus resultados na saúde do trabalhador

Metodologia

O objetivo deste artigo é identificar pesquisas sobre Saúde Mental do Trabalhador nos últimos 10 anos. Para isto, adota-se como metodologia a pesquisa do tipo Estado da Arte. De acordo com Ferreira (2002), as pesquisas do tipo estado da arte são de caráter bibliográfico, e propõe discutir e analisar uma determinada produção acadêmica, em um campo de conhecimento, buscando identificar quais são os aspectos e dimensões destacados e privilegiados nessa produção, em um determinado período de tempo. Utilizam metodologia inventariante e descritiva sobre a produção científica. (Ferreira, 2002). Neste íterim, tal pesquisa ora apresentada objetivou mapear a produção acadêmica nos últimos dez anos referente à Saúde Mental do Trabalhador e sua relação com a Subjetividade do Trabalho A pesquisa foi realizada tendo como filtros artigos revisados por pares, entre os anos de 2008 a 2018. Foram feitas duas buscas por

palavras-chave na base de dados do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (<http://www.periodicos.capes.gov.br/>). A primeira, utilizando as palavras Crise Econômica, Trabalhador e Saúde Mental retornou 62 artigos, sendo filtrados, por adequação ao tema Saúde Mental do Trabalho e Subjetividade, 13 artigos após análise. O segundo levantamento utilizou as palavras Saúde Mental do Trabalhador, Perspectiva Territorial, História do Trabalho e Representação Social, localizando 16 artigos e utilizando 3, a partir do mesmo critério de seleção utilizado anteriormente. Tais palavras foram escolhidas visando identificar as relações possíveis entre adoecimentos mentais dos trabalhadores e impactos da crise econômica, bem como as correlações entre a representação do trabalho, o significado do mesmo para o trabalhador, e ocorrências de agravos à saúde mental do trabalhador, partindo-se da hipótese que esta relação existe e influencia a saúde mental do trabalhador de modo direto ou indireto.

O levantamento bibliográfico realizado levou a uma análise a partir de algumas categorias, a saber: Qual a percepção da relação saúde mental e Trabalho? Qual a percepção do significado do trabalho para as pessoas e ainda como a organização do trabalho pode influenciar em seus resultados na saúde do trabalhador. Foram lidos os respectivos resumos e introdução com a finalidade de identificar a temática referida e que foram organizadas em um quadro-mapa. Esse instrumento contempla os seguintes itens: Título, ano de publicação, autores, objetivos, problema de pesquisa, hipótese, metodologia, referencial teórico e sínteses das conclusões.

Resultados

De acordo com Bachelard (1996, p. 10) é “fato de que ninguém pode arrogar-se o espírito científico enquanto não estiver seguro, em qualquer momento da vida do pensamento, de reconstruir todo o próprio saber. Só os eixos racionais permitem essa reconstrução.”

A partir do entendimento acima, a análise dos artigos ora levantados foi realizada utilizando-se eixos norteadores, buscando identificar os pressupostos presentes nos artigos e seu entendimento em comum acerca da temática apresentada. A princípio, destaca-se que a pesquisa inicial retornou diversos artigos, alguns deles com focos diferentes do objetivo específico deste levantamento, que não foram deste modo, incluídos neste trabalho. Observou-se uma lacuna entre 2006 até 2011 nas produções com a temática discutida. Ao analisar este lapso, podemos inferir que coincide com a portaria ministerial que busca instituir, no âmbito do Sistema Único de Saúde, as Diretrizes da Política Nacional de Promoção da Saúde do Trabalhador do Sistema Único de Saúde. As questões relativas a saúde mental do trabalhador foram incluídas na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, CID, em 2009, fazendo uma relação entre trabalho e doença, com causalidade a ser estabelecida, mas tal portaria busca pensar ações para efetiva inclusão das questões nas políticas do SUS. Deste modo, as produções bibliográficas aumentam a partir deste ano.

Na categoria de análise Saúde Mental e Trabalho, definida a partir do aporte teórico que indica relação direta entre eles, observamos que de acordo com Marques, Martins e Sobrinho (2011), os transtornos mentais e comportamentais e as doenças são apenas a emergência de outros processos que as subsidiam, e resultam de contextos de trabalho. Ao não entender como o trabalho pode interferir neste processo, o trabalhador fica impossibilitado de adotar posturas conscientes.

Ceccon et all (2014) indica que a associação entre mortalidade por suicídio e variáveis laborais sugere que o trabalho no contexto de precarização piora a qualidade de vida da população trabalhadora, implica em sofrimento mental aumenta o risco de autoagressão. Em todos os artigos analisados, é possível observar de algum modo a relação estabelecida entre saúde e trabalho, sendo o trabalho operador de saúde ou de doença, a partir do modo como o mesmo se dá para o trabalhador. Interessante observar a perspectiva territorial utilizada na realização do estudo que os autores denominam “estilo ecológico”, que de acordo com Ceccon et all (2014) “permitem utilizar dados secundários, possibilitando análises de grande amplitude territorial”. Sobre o conceito de território, interessante apresentar a perspectiva mais ampla de Guatarri e Rolnik (1986, p. 323) apud Haesbaert e Bruce (2002) para quem o território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no qual a pessoa se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma, um conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. Esta inferência permite passar para a próxima categoria de análise, que vai dizer do sentido do trabalho para o trabalhador.

Em relação ao modo como a partir do trabalho, o trabalhador estabelece sentidos e significados, encontramos a perspectiva de Snelwar, Uchida E Lancman (2011) apresentam a subjetividade no trabalho e a centralidade do trabalho na construção do sujeito, da sua saúde mental e sua identidade, tratadas à luz da psicodinâmica do trabalho (SNELWAR, UCHIDA e LANCMAN, 2011). Os autores trazem o conceito da “racionalidade pathica”, que distingue o sujeito de um operador, sendo a vivência, neste caso, central. Para os autores, o sujeito busca o sentido num processo de realização de si no interior de um coletivo, é aquele que zela para que os resultados do trabalho sejam os melhores possíveis. Relatam que a subjetividade e sua relação com o trabalho, relegada por muito tempo a invisibilidade, é importante e pode ser útil para as organizações e trabalho. Outra discussão que se destaca é a apresentada por Palassi e Silva (2014), para quem a construção do significado do trabalho envolve um conjunto de dimensões inter-relacionadas. De acordo com os autores, a construção do trabalho assume cinco dimensões, a saber:

a) centralidade do trabalho como papel da vida; b) identificação com o trabalho; c) normas sobre o trabalho; d) resultados do trabalho; e e) importância atribuída as metas no trabalho. Portanto, entendemos que o significado do trabalho é dinâmico ao invés de estático: ele pode repercutir na conduta profissional dos trabalhadores. (Palassi e Silva, 2014,p. 51)

O trabalho, como já apresentado, é carregado de sentido para o trabalhador, e estabelece para o mesmo senso de utilidade. É através do trabalho que o homem constrói sua vida, suas relações, seus planos e projetos. Diante das mudanças percebidas no mundo do trabalho, interessante pensar no impacto deste fato. O trabalho, hoje, não é mais apenas a relação de emprego, com a existência de vínculo empregatício, mas possui outras formatações. Oliveira e Silveira (2012) relatam que a ressignificação do conceito de trabalho, na modalidade autoemprego, está vinculada a categorias, associadas a valores positivos e negativos, disponibilizados pela sociedade para entender o trabalho como emprego. O significado do trabalho evoca diferentes ideologias.

Sobre essas novas condições de trabalho, decorrentes de mudanças postas pela inovação tecnológica, globalização e tendências que estes fenômenos apresentam, ampliamos a análise para uma categoria sobre a organização e as condições de trabalho, onde foram encontrados achados que corroboram a perspectiva que o modo como o trabalho é dividido, organizado e repassado aos trabalhadores, podem afetar aspectos relacionados a saúde mental.

De acordo com Cardoso (2013), podemos abordar as transformações sofridas pelo tempo de trabalho nas últimas décadas em três dimensões: duração, flexibilidade e intensidade, sendo que tais mudanças são inerentes à contemporaneidade do trabalho e sua intensificação afeta o trabalhador. A autora traz o tema em uma perspectiva interdisciplinar, analisando conceitos de tempo enquanto grandeza física e enquanto representação social. Liberato (2016) aponta que a nova temporalidade do mundo contemporâneo – marcada pela urgência, imediatismo e curtoprazismo –, domina também as atividades econômicas. Vivemos nas últimas décadas, uma nova relação com tempo, com intensificação da mundialização ou globalização e financeirização dos mercados como fenômenos cruciais. A instantaneidade das novas tecnologias de comunicação somada às exigências de um mercado concorrencial mundializado levariam a primazia do imediatismo. Seria necessário encontrar formas de adequação desta temporalidade com a saúde do trabalhador, sendo esta compreensão tarefa deveras complexa.

De acordo com Rancan e Giongo (2016), as condições e a organização do trabalho são elementos fundamentais para a análise dos processos de saúde e adoecimento dos trabalhadores. Os autores concebem o trabalho enquanto elemento constituinte da subjetividade humana, que pode apresentar consequências diretas para a saúde dos trabalhadores. Em seu estudo, conclui que a organização do trabalho metalúrgico é caracterizada por rígidos controles, por intensa produtividade, por excelência na qualidade e pela busca exaustiva por resultados. Conclui-se que estes elementos afetam significativamente a saúde mental dos trabalhadores, aumentando os riscos e os danos à sua saúde.

Sobre as novas realidades no mundo do trabalho, pudemos encontrar na revisão de literatura a realidade do expatriado, sendo que os autores Homn e Dellagnelo (2006) apresentam que expatriados representam um novo desenho organizacional. Porém ao mesmo tempo que remete a adaptação, definem situações onde as diferenças podem provocar prazer ou sofrimento, desafio ou confusão. Caracterizam que não há como fugir do contexto mundial de novas formas organizacionais onde entra a realidade do expatriado, sendo novas exigências de mão única, cabendo o ônus ao empregado. Os autores fazem um alerta para fomentar pesquisas sobre novos modelos organizacionais em detrimento dos vigentes.

Outra perspectiva interessante é a do trabalho informal. Cockell e Peticarrari (2011) trazem que a indústria da construção civil possui grande instabilidade, alto número de informais e terceirizados, alto grau de flexibilidade. Esta situação pode gerar um grande número de trabalho informal. Apontam que as redes sociais informais são fundamentais no enfrentamento dos períodos de incapacidade laboral, prevalecendo os apoios da família nuclear e extensa e das redes formadas na identificação religiosa, haja visto seu impacto no aparelho mental. Barbosa (2014) ainda indica que as empresas têm se aproveitado do ambiente de insegurança e instabilidade que a lógica da flexibilização

instaura no mundo do trabalho. As estratégias de poder e produção de verdade gerados pela empresa tem por objetivo permitir a sujeição dos trabalhadores. São discursos de desenvolvimento pessoal e empregabilidade impostos pelas novas formas de sociabilidade capitalista, que podem gerar um acúmulo de demandas para estes trabalhadores e impactar em aspectos psicológicos. De acordo com Raffestin (1993), se fosse verdadeira a hipótese que a força de trabalho é a única coisa que os homens podem dispor, relações de poder não seriam tão dissimétricas.

Sendo co-extensivo de qualquer relação, torna-se inútil distinguir um poder político, econômico, cultural, etc. Sendo toda relação um lugar de poder, isso significa que o poder está ligado muito intimamente à manipulação dos fluxos que atravessam e desligam a relação, a saber, a energia e a informação. (Raffestin, 1993, p. 53.54)

Enfim, interessante perceber também o aparecimento do trabalho como ferramenta ou estratégia de saúde para o trabalhador. Silva e Ramminger (2014) relatam que a partir do conceito de trabalho e das contribuições das clínicas de trabalho, é interessante analisar as funções de trabalho como operador de saúde. Para os autores, podemos pensar no trabalho como operador de saúde quando há lugar para criação coletiva pessoal, bem como para o reconhecimento do trabalhador em sua atividade. Deste modo, afirmar que o trabalho pode ser operador de saúde não é escamotear a realidade e a nocividade dos modos de produção, e sim destacar a função do reconhecimento do trabalho.

A partir da revisão do referencial teórico, entende-se que a questão da saúde mental do trabalhador mostra-se complexa, demanda estudos e ações que permitam compreender tal tema. Trata-se de elemento central, constituinte da vida humana, com impactos que se estendem além do campo do trabalho, sendo o trabalho, espinha dorsal na vida humana. Deste modo, torna-se vital o entendimento do trabalho para a promoção de saúde mental na vida do trabalhador, haja visto sua inter-relação. A revisão dos artigos centrou-se numa análise a partir de algumas categorias, permitindo sintetizar resultados. Sobre o eixo da percepção da relação saúde mental e Trabalho, os autores apontam para uma relação presente, de modo direto e indireto, que pressupõe demanda pelo entendimento do modo como ocorre. Sobre o eixo da percepção do significado do trabalho para as pessoas e ainda como a organização do trabalho pode influenciar em seus resultados na saúde do trabalhador, nota-se que o modo de organizar o trabalho tem impacto sobre a saúde do trabalhador, e ainda temos a questão de como as novas formas de trabalho influenciam a percepção do mesmo e podem construir novos sentidos para o trabalho.

Raynat (2012) nos aponta a importância da interdisciplinaridade, colocando que “são novos quadros de pensamento, novas formas de conhecimento que temos que inventar para substituir as categorias estanques com as quais trabalhamos...para dar conta do fato que a realidade ... é híbrida.”

Alvarenga et all (2011) apresenta a interdisciplinaridade como forma alternativa de produzir conhecimento científico, diante da complexidade vivenciada na contemporaneidade. Trata-se de uma forma de fazer ciência para situações onde a realidade dos estudos não pode ser enquadrada dentro do domínio disciplinar.

Deste modo, o que se propõe é analisar a saúde mental do trabalhador a partir de um conhecimento disciplinar, mas com a possibilidade de uma leitura que avance para o foco interdisciplinar, para atender a grande complexidade do tema.

3 CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo foi identificar pesquisas sobre Saúde Mental do Trabalhador nos últimos 10 anos, mapeando a produção acadêmica nos últimos dez anos referente à Saúde Mental do Trabalhador e sua relação com a Subjetividade do Trabalho. As duas buscas, com as palavras Crise Econômica, Trabalhador e Saúde Mental e também Saúde Mental do Trabalhador, Perspectiva Territorial, História do Trabalho e Representação Social, retornaram 78 artigos, sendo filtrados 16 artigos após análise.

A partir dos eixos de análise escolhidos, foi possível perceber que os autores ora pesquisados concordam com a existência de uma relação entre o trabalho, o seu modo de organização, o sentido e significado que possui para o homem e a saúde mental do trabalhador ou a ocorrência de agravos em saúde. Nota-se o entendimento do trabalho como elemento central na construção da identidade e da vida das pessoas. A pesquisa não apresenta, entretanto, de modo integrado, os conceitos de significado do trabalho e saúde mental do trabalhador. Torna-se interessante buscar desenvolver pesquisa, de modo interdisciplinar, que consiga correlacionar de modo mais integrado tais eixos, partindo-se do pressuposto que a pesquisa na área de saúde mental pode contribuir para o desenvolvimento de políticas mais integradas e que considerem a saúde de uma perspectiva biopsicossocial, entendendo o homem como ser integrado, que existe no meio social, que se constrói biologicamente e desenvolve aspectos psicossociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, A. T.; PHILIPPI JR, A.; SOMMERMAN, A.; ALVAREZ, A. M. S.; FERNANDES, V. Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. In: PHILIPPI JR, A.; SILVA NETO, A. J.; (Edit.). **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação**. Barueri, SP: Manole. 2011. p. 03-68.

BACHELARD, G. Discurso Preliminar. In: _____. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Trad, Esteia dos Santos Abreu. - Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. P. 7-15.

BARBOSA, A. M. S. Organização e Intensificação do tempo de trabalho. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 28 Número 2, p. 351-374, Maio/Agosto 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Consulta Pública Nº 3, de 17 de maio de 2011**. Institui as diretrizes da Política Nacional de Promoção da Saúde do Trabalhador do Sistema Único de Saúde - SUS. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/cop0003_17_05_2011.html. Acesso em: 20 junho 2018.

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto Nº 3.048, de 6 de maio de 1999.** Aprova o Regulamento da Previdência Social, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3048.htm>. Acesso em: 29 junho 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria Nº 1339, de 18 de novembro de 1999.** Institui a Lista de Doenças relacionadas ao Trabalho, a ser adotada como referência dos agravos originados no processo de trabalho no Sistema Único de Saúde, para uso clínico e epidemiológico. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1999/prt1339_18_11_1999.html>. Acesso em: 29 junho 2018.

CAMARGO, D. A.; NEVES, S. N. H. Transtornos Mentais, Saúde Mental e Trabalho. In: GUIMARÃES, Liliana A. Magalhães e GRUBITS, Sonia (Orgs.). **Série saúde mental e trabalho.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. v. II, p. 23-42.

CARDOSO, A. C. M. Organização e Intensificação do tempo de trabalho. **Revista Sociedade e Estado.** Brasília, v. 28, n 2, p. 351-374, Agosto 2013.

CECCON, R. F.; MENEGUEL, S. N.; TAVARES, J. P. ; LAUTERT, L. Suicídio e trabalho em metrópoles brasileiras: um estudo ecológico. **Ciência e Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, vol. 19, n. 07, p. 2225-2234, 2014.

COCKELL, F. F. e PERTICARRARI, D. Retratos da Informalidade: a fragilidade dos sistemas de proteção social em momentos de infortúnio. **Ciência e Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, vol. 16, n. 03, p. 1709-1718, 2011.

DEJOURS, C. **A loucura do Trabalho:** estudo de psicopatologia do trabalho. 5 ed. Ampliada. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

DEJOURS, C; BÈGUE, F. **Suicídio e Trabalho:** o que fazer. Brasília: Paralelo 15. 2010.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Revista Educação & Sociedade,** Campinas, Ano XXIII, n. 79, p. 257-272, agosto 2002.

FERNANDES, S. R. P. ; VASQUES-MENEZES, I. Organização do Trabalho: implicações para a saúde do Trabalhador. In: FERREIRA, M. C.; MENDONÇA, H. (Org.). **Saúde e Bem estar no Trabalho:** Dimensões Individuais e Culturais. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2012. P. 261-276.

HAESBAERT, R.; BRUCE, G. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **GEOgraphia,** Niterói, v. 4, n. 7, 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/74/72>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

HOMN, I. D.; DELLAGNELO, E. H. Novas formas Organizacionais e desafios para os expatriados. **RAE- eletrônica,** São Paulo, v. 5, n. 1, Art.8, jan./jun. 2006.

JARDIM, S.R.; RAMOS, A.; GLINA, D. M. R. Diagnóstico e Nexos com o Trabalho. In: GLINA, D. R. M.; ROCHA, L. E. (Org.). **Saúde Mental no Trabalho: da Teoria à prática**. São Paulo: Roca. 2010. P. 49-80.

LIBERATO, L. V. M. Tempo de Urgência e Estratégias Preventivas de Saúde dos Trabalhadores. **Revista de Ciências Sociais – Política e Trabalho**, João Pessoa, n45, p. 285-301, julho/dezembro 2016.

MARQUES, S. V. D.; MARTINS, G. B.; SOBRINHO, O. C. Saúde, trabalho e subjetividade: absenteísmo-doença de trabalhadores em uma universidade pública. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 09, Edição Especial, artigo 11, p. 668-680, julho 2011.

OLIVEIRA, M. C. L.; SILVEIRA, S. B. O(s) sentido(s) do trabalho na contemporaneidade. **Veredas on-line – Temática**, Juiz de Fora, v. 16, n01, p. 149-165, 2012.

PALASSI, M. P.; SILVA, A. R. L. A Dinâmica do significado do trabalho na iminência de uma privatização. **Revista Ciências da Administração**, v.16, n. 38, p. 47-62, abril 2014.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RANCAN, M.; GIONGO, C. R. Eles determinam, nós produzimos”: subjetividades capturadas pelo trabalho metalomecânico. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, n. 28, vol. 1, p. 135-144, 2016.

SILVA, C. O.; RAMMINGER, T. O trabalho como operador de Saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, vol. 19, n. 12, p. 4751-4758, 2014.

SZNELWAR, L. I. ; UCHIDA , S. ; LANCMAN, S. A subjetividade no trabalho em questão. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 23, n.01 p. 11 a 30, junho 2011.

RAYNAT, C. Interdisciplinaridade: mundo contemporâneo, complexidade e desafios à produção e aplicação de conhecimentos. In: PHILIPPI JR, A.; SILVA NETO, A. J.; (Edit.). **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação**. Barueri, SP: Manole. 2011. p. 69-105.

TAMAYO, M. R.; MENDONÇA, H.; SILVA, E. N. Relação Entre estresse ocupacional, coping e burnout. In: FERREIRA, M. C.; MENDONÇA, H. (Org.). **Saúde e Bem estar no Trabalho: Dimensões Individuais e Culturais**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2012. P. 35-61.